



Correlatos existenciais da aceitabilidade da morte: Um estudo à luz do sentido na vida

Correlates existential on acceptance of death: A study in the light of meaning in life

Thiago Antonio Avellar de Aquino ^[a], Sarah Xavier Peixoto de Vasconcelos ^[b],
Daniel Ouriques Lira Braga ^[c]

Resumo

O objetivo da presente pesquisa foi identificar em que medida a sensação de sentido na vida se associa à aceitabilidade da morte. Para tanto, realizaram-se dois estudos, o primeiro tendo por objetivo reunir evidências de validade fatorial e consistências internas dos instrumentos empregados: Escala de Atitude Perante a Morte e Questionário Sentido de Vida. O Estudo 1 contou com uma amostra composta por 244 participantes, sendo a maioria do sexo feminino (33,2%), com média de idade de 27 anos ($dp = 11,3$; amplitude de 17 a 75 anos). Os resultados sugeriram que os instrumentos apresentaram parâmetros psicométricos adequados, indicando validade fatorial e consistência interna. Já o Estudo 2 contou com 243 participantes, com média de idade de 27 anos ($dp = 11,7$; amplitude de 16 a 72 anos), sendo a maioria do sexo feminino, com 63,8%. Concluiu-se que a aceitabilidade da morte está associada tanto como índice de autoavaliação da congruência entre o “ser” e o “poder ser”, quanto com a sensação de realização de sentido; enquanto que a evitação e o medo da morte estão associados com a busca de sentido e maiores índices de autoavaliação de incongruência. As implicações destes resultados são discutidas e pesquisas futuras sugeridas.

Palavras-chave: Morte. Sentido da vida. Realização de sentido.

Abstract

This research aims to identify to what extent the sense of meaning in life is associated to the acceptability of death. In order to evaluate this aspect, two studies were performed. The first one aimed to find evidences of its factorial validity as well as to verify the reliability of the employed instruments: Death Attitude Profile and Meaning Life Questionnaire. Thus, Study 1 consisted of 244 participants, in which most of them were female (66.8%), 27 years old in average ($SD = 11.3$; ranging from 17 to 75). The results suggested that the applied instruments showed adequate psychometric parameters, indicating factorial validity and reliability. On the other hand, Study 2 took a sample of 243 participants, with an average of 27 years old ($SD = 11.7$; ranging from 16 to 72), in which most of them were female (63.8%). The research concluded that the acceptability of death is associated to the kind of self-evaluation that leads to the congruence between the sense of what “one really is” to what “one can be”, as well as to the sense of achievement of meaning in life.

^[a] Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), professor do programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (UFPB). Coordenador do Grupo de Pesquisa Nous: Espiritualidade e Sentido (CNPq). João Pessoa - PB, Brasil, Email: logosvitae@ig.com.br

^[b] Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB (2013.2), residência em andamento na Residência Multiprofissional em Cuidados Paliativos no Instituto de Medicina Integral Prof^o Fernando Figueira (2014-2016), integrante do Grupo de Pesquisa Nous: Espiritualidade e Sentido (CNPq). Recife - PE, Email: sarah_xpv20@hotmail.com

^[c] Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba em 2014, mestrando em Ciências Das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba, integrante do Grupo de Pesquisa Nous: Espiritualidade e Sentido (CNPq). João Pessoa - PB, Email: danielouriques@hotmail.com

Recebido: 10/05/2013
Received: 05/10/2013

Aprovado: 07/04/2014
Approved: 04/07/2014

Meanwhile, the avoidance and the fear of death are associated to the search of meaning as well as to high rates of incongruence in self-evaluating. The implications of these findings are discussed in this article, suggesting future researches on this subject.

Keywords: Death. Meaning of life. Achievement of meaning of life.

Introdução

A morte parece ser um tema angustiante para a condição humana e que suscita, quase sempre, uma reflexão sobre a própria vida e seu significado. Segundo o filósofo Montaigne (1533-1592), “quem ensinasse os homens a morrer, os ensinaria a viver” (1580/2000, p. 20). Schopenhauer (1788-1860), por sua vez, compreendeu que “a morte é a musa da filosofia, e por isso Sócrates a definiu como preparação para a morte” (Schopenhauer, 1819/2000, p. 59). Heidegger (1927/1990) a concebeu como a possibilidade mais concreta que aniquilaria todas as outras possibilidades de estar no mundo.

Conforme Grün (2010), as concepções sobre a morte também podem influenciar na maneira como as pessoas lidam com esse tema, podendo evocar medo para algumas ou confiança para outras. Indubitavelmente as concepções de morte estão associadas às suas correspondentes cosmovisões religiosas (Diniz & Aquino, 2009) bem como a preocupação acerca do sentido da vida humana (Frankl, 1959/1990). Segundo a concepção da filosofia da existência, o ser humano é concebido um ser-para-a-morte (Abbagnano, 1993; Heidegger, 1927/1990) sendo a pessoa humana o único ente que possui a consciência da transitoriedade da sua existência.

Percepção da morte

Em uma visão histórica, percebe-se que as atitudes e as concepções sobre a morte sofreram grandes transformações, o que construiu a concepção de vida dos indivíduos (Ariés, 1977). De acordo com Kovács (1992), é por meio das tradições culturais que os indivíduos adquirem concepções da morte e do morrer. De forma geral, é concebida pelas culturas ocidentais como um ponto central da existência humana, e que geralmente está associada à tristeza e ao sofrimento.

Historicamente, a morte foi percebida de diversas maneiras: na Idade Média, por exemplo, a morte era algo natural e esperado. O homem primitivo, por sua vez, recorre ao mito e à magia, enquanto o homem moderno se desnuda de toda concepção religiosa sobre a morte para resolução do confronto com a finitude. Entretanto, a morte, de uma forma ou de outra, como um fenômeno fatal e inevitável, provoca angústia existencial no ser humano (Xausa, 2003).

O tema da morte nas sociedades modernas se encontra velado por constituir um tabu (Ariés, 1977). Não obstante, quando o ser humano toma consciência da morte e da sua finitude, dá início a indagações acerca da vida e do seu respectivo sentido (cf. Aquino, Alves, Aguiar & Refosco, 2010). Por conseguinte, a reflexão acerca do sentido da vida e da morte pode acarretar uma ansiedade existencial (Wong, 2008).

Autores como Spilka, Stout, Milton e Sizemore (1977) sugerem que os estudos sobre as visões de morte levem em conta suas variadas dimensões. Desse modo, são indicados oito dimensões para compreender as diversas concepções da morte:

1. *Dor e solidão*: compreensão da morte como algo negativo, como por exemplo: um momento de agonia, isolamento, miséria, angústia e solidão.
2. *Vida do além*: representa a morte por meio de uma imagem positiva, tais como: uma nova vida, plena de satisfação, felicidade, recompensa e união com Deus.
3. *Indiferença*: ancora a imagem da morte como um fenômeno indiferente para o ser humano.
4. *Desconhecida*: apresenta a perspectiva da morte como incerteza, mistério e desconhecimento.
5. *Abandono*: idealiza a morte como o abandono de entes queridos e como um momento para se sentir culpado.

6. *Coragem*: concepção em que a morte seria percebida como uma oportunidade para demonstrar virtudes, no caso, enfrentar o último teste da vida.
7. *Fracasso*: sugere a morte como um fenômeno que impede a realização do potencial pessoal, por exemplo, a realização de objetivos e sentido da vida.
8. *Fim natural*: compreende a morte como algo integrante do ciclo natural da vida.

A morte também poderia estar relacionada ao medo em suas várias manifestações, como o medo de morrer, o medo de sofrer, medo da impotência, medo do que vem após a morte e da perda da convivência e da interação com o outro, medo do que não se conhece e do inesperado. Dessa forma, o medo da morte constitui algo universal (Kovács, 1992).

Para Wong, Reker e Gesser (1994) o medo da morte advém de quando o sujeito fracassa em sua busca de sentido para a vida e para a morte. Não obstante, segundo Wong (2008), a aceitação da morte, pode ser compreendida em três dimensões: (1) aceitação neutra (aceitar a morte como um fim inevitável); (2) aceitação religiosa (aceitar a morte como uma passagem para uma vida melhor) e (3) aceitação de escape (aceitar a morte como uma alternativa ou alívio para o sofrimento). Os autores propuseram uma medida para avaliar as atitudes perante a morte (*Death Attitude Profile* - DAP), apresentando uma última versão revisada objetivando acessar o nível de aceitabilidade da morte (Wong, Reker, & Gesser, 1994).

Estudos empíricos

O estudo de Andrade (2007) procurou identificar as relações entre o impacto da exposição à morte, em profissionais de saúde, e as atitudes perante o fenômeno. Para tanto, contou com uma amostra de 281 profissionais da área da saúde em Portugal. Os resultados sugeriram que os sujeitos que obtiveram maiores índices nas pontuações do sentido de vida apresentaram menores pontuações nas concepções negativas da morte. A autora não avalia os parâmetros psicométricos do instrumento que avaliou as atitudes perante a morte (*Revised Death Attitude Profile*, Wong et al, 1994).

Já Loureiro (2010) adaptou a escala *Revised Death Attitude Profile* para uma amostra de 1543

portugueses sendo 866 profissionais da área de saúde e 677 da população geral. Os resultados confirmaram uma estrutura com cinco fatores como prevista na versão original do instrumento (Wong et al, 1994). Com relação a sua precisão, observaram-se os seguintes índices: Medo ($\alpha = 0,84$) Evitação ($\alpha = 0,87$), Aceitação Neutra ($\alpha = 0,64$), Aceitação Religiosa ($\alpha = 0,91$) e Aceitação de Escape ($\alpha = 0,82$). O autor concluiu considerando a medida fidedigna e válida para a medição do construto em questão.

Ardelt (2008) investigou as relações entre sabedoria, religiosidade, propósito na vida e atitudes para a morte. Em uma amostra de 123 sujeitos da Flórida com idade média de 73 anos. Os resultados sugeriram que a sabedoria, que foi operacionalizada por meio de características de personalidade (cognitiva, afetiva e racional), se associou negativamente com ansiedade e aceitação de escape. Já a religiosidade intrínseca se correlacionou diretamente com medo e evitação da morte. A religiosidade extrínseca se associou de forma positiva com medo da morte, evitação e aceitação neutra. Por fim, a variável Propósito na vida se associou de forma negativa com o medo da morte.

Parker (2013) tentou compreender em que medida a aceitação do passado poderia ser um adequado preditor da aceitação da morte em idosos. Para tanto, investigou 115 idosos com idade média de 73 anos. Os resultados dessa pesquisa aventaram que, por um lado, uma percepção do passado como pouco significativo está associada a maiores escores nas atitudes negativas da morte, tais como medo da morte e evitação. Por outro lado, quanto maior a percepção do passado como algo significativo maior a aceitação neutra da morte.

Sentido da vida

A busca do sentido da vida foi considerada amplamente nos trabalhos do psiquiatra austríaco Viktor Frankl (1905-1997). O autor elaborou uma teoria denominada Análise Existencial e Logoterapia. Sua fundamentação tem por base três princípios: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida.

A liberdade da vontade refere-se ao fato de que o ser humano é considerado como finito. Destarte, não é livre daquilo que o condiciona, mas é livre para se posicionar diante disso, podendo tomar

uma atitude diante das condições que lhe são impostas (Frankl, 1969/2011). A vontade de sentido seria então inerente ao homem em sua existência, apontando Frankl (1978/1989) ao fato de que o ser humano é um ser que busca, em última instância, constituir uma existência plena de sentido. Apenas a realização desse sentido satisfaria a vontade de sentido. Quando o ser humano é frustrado nessa busca ocorre a sensação de perda de valor da vida, denominado vazio existencial.

Já o sentido da vida refere-se à compreensão axiológica de que a vida possui um sentido incondicional mesmo em seus aspectos trágicos, tais como dor, culpa e morte. Segundo a concepção de Frankl (1969/2011), a existência humana vai além de si mesma, transcendendo sempre para algo ou alguém. Dessa forma, o mais importante para a existência do homem não é a busca de prazer ou poder, tampouco a busca de autorrealização, mas um motivo para viver. Ademais, o sentido deve então ser encontrado pelo ser humano, não inventado, mas descoberto na relação com o mundo (Frankl, 1959/1990). Em geral, o ser humano encontra sentido por meio da realização de três valores: Vivenciais, Criativos e Atitudinais.

Os valores vivenciais são referidos por Frankl (1969/2011) como aqueles que estão relacionados com a vivência de algo ou alguém, isto é, o que ele “recebe” do mundo (valores de contemplação: obras artísticas e natureza), ou ao vivenciar outro ser humano (valor do amor). Já os valores criativos, referem-se à capacidade humana de transformar o mundo por meio do trabalho ou por meio de obras artísticas, nesse caso ele não recebe do mundo, mas deixa algo para o mundo. Por fim, os valores de atitude são compreendidos por Frankl (1969/2011) como aquelas posturas que o homem pode tomar diante de um sofrimento inevitável. Mesmo não podendo realizar valores de criação ou de vivência, o homem poderia ainda escolher perante aquilo que o condiciona, encontrando um sentido no próprio sofrimento.

Sentido da morte

O presente estudo parte do pressuposto de que a morte se relaciona diretamente com o sentido da vida, visto que a consciência da finitude humana promove no ser humano o questionamento acerca

do sentido de sua existência e de um “para quê” viver (Frankl, 1978/1989). Em sua leitura fenomenológica, Frankl constata que seria a morte que daria sentido à vida, visto que “o homem deve, no tempo e na finitude, levar alguma coisa até o fim, isto é, arcar com a finitude e contentar-se conscientemente com um fim” (Frankl, 1978/1989, p. 111).

Inicialmente, Frankl (1978/1989) faz duas constatações: a primeira é que a morte faz parte da vida, e a segunda é que a limitação temporal leva o ser humano a questionar-se acerca do sentido da vida. Por ter um período limitado, o ser humano se sente compelido a aproveitar todo o tempo, posto que desconhece o momento de sua morte. Seu argumento decorre da constatação de que, se a vida fosse temporalmente ilimitada, o ser humano adiaria suas ações até o infinito. Por outro lado, a morte aniquila as possibilidades que se encontram no futuro, por esse motivo o ser humano se sentiria impelido a realizar as potencialidades de sentidos apesar e por causa da morte. O autor chega à conclusão de que tanto a finitude quanto a temporalidade são constitutivas do sentido da existência humana (Frankl, 1978/1989).

Nesse sentido, a existência humana é ser-responsável, na qual a responsabilidade origina-se no caráter concreto da pessoa e da situação. Desse modo, o desenvolvimento da responsabilidade humana acompanha a “unicidade” do sujeito e a “irrepetibilidade da situação”. Assim sendo, essas duas qualidades humanas são elementos constitutivos do sentido da vida humana e conjeturam a finitude humana, ao passo que essa finitude representa algo que dê sentido à existência humana (Frankl, 1978/1989).

Segundo a logoterapia, o futuro “não é”, sendo o passado a pura realidade. Assim sendo, tudo o que foi posto no mundo, por meio de escolhas, constitui o “ser”, e o que foi vivido por alguém não pode ser retirado, torna-se passado e, por conseguinte, realidade de caráter irreversível (Frankl, 1959/1990). No que se refere à transitoriedade da vida, Frankl (1959/1990) aponta que só se aplica às possibilidades que não foram concretizadas, pois são provisórias. Já as escolhas transformam as possibilidades (vir-a-ser) em realidade, abrigando-as no passado (ser). Frankl (1978/1989) compreende que quando o homem toma consciência da finitude dos momentos, percebe a possibilidade de perder as potencialidades de sentido inseridas nas situações, passando

a definir sua vida pelo que está sendo e, então, construindo o seu projeto existencial de forma permanente. Na morte o ser humano coincide com o seu próprio ser passado.

Nessa perspectiva, as potencialidades vão percorrendo do futuro para o passado, convertendo-se em realidades. Compreende-se, dessa forma, que, na morte, tudo o que foi vivenciado e realizado fixa-se no passado e não poderá ser modificado (Frankl, 1959/1990). Assim, a percepção do sentido de vida é algo que apoia o homem em sua existência, tendo em vista que, potencialmente, haveria uma possibilidade de sentido no mundo que poderia ser desvelada, até mesmo em suas últimas áreas de liberdade, ou seja, no leito de morte.

Algumas pesquisas empíricas tentaram averiguar a compreensão fenomenológica de Frankl (1978/1989) como, por exemplo, o estudo de Aquino, Alves, Aguiar & Refosco (2010). Os autores estudaram as relações entre a percepção de sentido e as visões de morte em 190 estudantes universitários com idade média de 23,6 anos. Os resultados propuseram que as visões de morte como dor e solidão, fracasso e abandono se associaram diretamente com altos escores de sensação de vazio existencial. Já a concepção de morte como fim natural se associou diretamente a índices de realização de sentido.

O estudo de Aquino, Serafim, Silva, Barbosa, Cirne, Ferreira e Dantas (2010), junto a estudantes universitários da área de saúde, encontrou, por meio de uma regressão múltipla, três visões de morte que explicaram 18% da variância total da ansiedade perante: morte como desconhecida e dor e solidão (diretamente), e inversamente à morte como indiferença. O medo e a ansiedade da morte podem estar imbricados a questões existenciais, como pode ser demonstrado na pesquisa de Donovan (1993), que encontrou uma relação entre a ansiedade perante a morte e a escala de vazio existencial ($r = -0,34$; $p < 0,05$). Tendo em conta a importância das variáveis existenciais para a compreensão das diversas atitudes em relação à finitude, o objetivo da presente pesquisa foi averiguar quais as possíveis relações entre a percepção do sentido de vida e a aceitabilidade da morte. Para atingir tal objetivo, realizaram-se duas pesquisas. A primeira teve por objetivo averiguar os parâmetros psicométricos das medidas Atitudes perante a Morte e Questionário Sentido de Vida, enquanto a segunda objetivou

identificar em que medida a sensação de sentido na vida se associa à aceitabilidade da morte.

Método

Participantes

Participaram desse estudo 487 participantes, em sua maioria do sexo feminino (65,2%). Os participantes se distribuíam entre população universitária, sendo 34,8% de instituição pública, e 26,4% de instituições privadas, com alunos de variados cursos e população geral de 38,7%. Destes participantes, 67,8% tinham ensino superior incompleto, 65,6% pertenciam à religião católica e a maior parte (70,7%) desta amostra também era de solteiros. Com o propósito de verificar as propriedades psicométricas das escalas utilizadas e, posteriormente, observar o comportamento das variáveis em estudo, resolveu-se dividir a amostra aleatoriamente em duas partes aproximadamente iguais a fim de verificar as suas validades fatoriais e consistências internas dos instrumentos em uma primeira amostra e, em uma segunda, verificar as possíveis correlações entre as subescalas de uma amostra independente.

Amostra 1: Composta por 244 participantes, sendo a maioria (72,5%) solteiros e do sexo do sexo feminino (66,8%). A média de idade foi de 27 anos ($dp = 11,3$), com amplitude de 17 à 75 anos, sendo 63,9% universitários de uma instituição pública e outra privada na cidade de João Pessoa (PB), e 36,1% da população geral. Apresentaram escolaridade de 24,2% com superior completo, 68% superior incompleto e 7,4% outras. No que se refere à religiosidade, 64,8% eram católicos, 19,7% eram evangélicos, 2,5% espíritas e 13,1% responderam outras religiões.

Amostra 2: Constituída por 243 participantes, com média de idade de 27,8 anos ($dp = 11,7$) e amplitude de 16 a 72 anos, sendo a maioria do sexo feminino (63,8%) estado civil. A maioria era universitária (58,9%), e 41,2% da população geral, com escolaridade predominante de superior incompleto (67,9%). Dos participantes deste grupo, a maior parte (69,1%) era solteira. A majoritária parte dessa amostra pertencia à religião católica (66,7%), seguida de evangélicos (17,3%), espíritas (2,5%) outras (13,2%) e apenas 0,4% não responderam.

Instrumentos

Escala de Atitudes Perante a Morte (EAPM). Sua versão original foi elaborada em inglês por Wong, Reker e Gesser, (1994) O instrumento é constituído por 32 itens acompanhados por uma escala de 7 pontos, variando de 1 = discordo muitíssimo a 7 concordo muitíssimo. O instrumento é constituído por 5 subescalas: Medo da morte (eg. Tenho um intenso medo da morte), Evitação da morte (eg. Evito pensamentos acerca da morte), Aceitação neutra (eg. A morte não é nem boa nem má), Aceitação religiosa (eg. A morte é união com Deus) e Aceitação de escape (eg. A morte é um alívio do sofrimento). Para o presente estudo utilizou-se a versão em português traduzida e adaptada por Andrade (2007).

Questionário de Sentido de Vida (QSV). Originalmente construído em inglês por Steger, Frazier, Oishi e Kaler (2006), possui 10 itens dispostos numa escala de 7 pontos, sendo 1 = totalmente falso e 2 = absolutamente verdadeiro. O instrumento é composto por duas subescalas: busca de sentido (eg. Eu estou procurando alguma coisa que faça com que minha vida tenha sentido/ Eu sempre estou em busca do sentido da minha vida) e realização de sentido (eg. Eu compreendo o sentido da minha vida/Minha vida tem um sentido claro). Utilizou-se a versão em português traduzida e adaptada por Aquino, Gouveia, Aguiar, Serafim, Pontes, Pereira e Fernandes (Manuscrito não publicado).

Escala de congruência. Criada por Aquino (2009), constitui um índice de congruência acerca da percepção da relação entre o “ser” e o “poder ser”. É composta por um único item prescrito por “Tenho que admitir que há uma grande distância entre quem ‘eu sou’ e quem ‘eu poderia ser’; disposto em uma escala de cinco pontos (1 = discordo totalmente e 5 = concordo totalmente).

Questionário sócio-demográfico. Foi disposto um questionário sócio-demográfico que continha questões relativas ao sexo, idade, escolaridade, estado civil, religião e autoatribuição religiosa.

Procedimentos éticos

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário Lauro Wanderley, sob o número de protocolo 223/2011. Os pesquisadores seguiram todos os aspectos éticos previstos

na de Resolução 196/96 do Conselho Nacional Saúde (Ministério da Saúde).

Procedimentos para coleta de dados

Todos os participantes da pesquisa receberam um caderno de resposta contendo os instrumentos (Questionário de Sentido de Vida, Escala de Atitude Perante a Morte e as perguntas demográficas) e uma folha de rosto com um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A aplicação ocorreu tanto de forma coletiva (em sala de aula com os estudantes universitários) quanto individual (no caso da população geral). Todos os entrevistados foram informados previamente acerca dos objetivos da pesquisa e de que suas participações se dariam de forma voluntária após assinarem o TCLE. Também foram comunicados acerca do sigilo de suas respostas e da permissão para abandonar o estudo a qualquer momento. O tempo médio para a resposta dos questionários foi em média de 20 minutos.

Procedimentos para análise dos dados

Para efetuar as análises dos dados inicialmente foram tabulados todos as respostas dos sujeitos no PASW (versão 18). Em seguida, procederam-se as análises descritivas (média, desvio padrão e dispersão) e análises fatoriais (PAF e CP). Para verificar a adequabilidade em realizar esse tipo de análise, levaram-se em conta os critérios Kaiser-Meyer-Olkin ($KMO \geq 0,60$) e o teste de Esfericidade de Bartlett (o valor do qui-quadrado necessita ser estatisticamente significativo), conforme sugerem Tabachnick & Fidell (2001). Por fim, calculou-se a consistência interna das escalas, por meio do alfa de Cronbach, e realizou-se correlações de Pearson.

Resultados

Estudo 1. Análise Exploratória das escalas Atitudes Perante a Morte e Questionário Sentido de Vida

O estudo 1 teve por objetivo verificar as propriedades psicométricas dos instrumentos. De forma mais específica, procurou-se avaliar suas validades fatoriais e consistências internas (alfa de Cronbach). Para atingir tal objetivo, utilizou-se a amostra 1.

Escala de Atitudes Perante a Morte – EAPM

Como a escala de Atitude Perante a Morte não é muito conhecida no contexto brasileiro, foi realizada uma análise fatorial no conjunto dos 32 itens que a compõem. Inicialmente, verificou-se a adequação de se realizar uma análise fatorial, o que foi confirmado pelos índices de KMO = 0,84 e do Teste de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2 (496) = 3527,479$, $p < 0,0001$. Dessa forma, procedeu-se a uma análise fatorial dos eixos principais com rotação varimax. Três fatores atenderam ao critério Kaiser, apresentando valores próprios superiores a 1, o que sugere a presença de quatro fatores que, juntos, explicam 48,85% da variância total.

Com a finalidade de identificar o número de fatores a extrair, foi feita a análise do *scree plot*, que seleciona todas os fatores com valor próprio superior a 1 seguindo o critério de Kaiser (1960). A Figura 1 demonstra o *scree plot* indicando que podem ser extraídos 4 fatores (critério de Cattell, 1966).

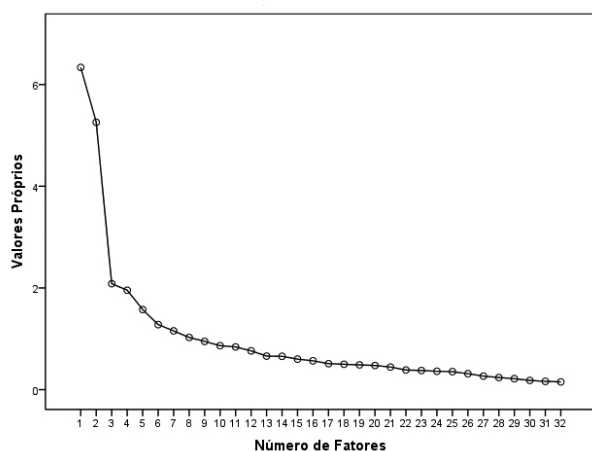


Figura 1: Scree plot da análise fatorial dos itens da escala de atitudes perante a morte

O primeiro fator reuniu 8 itens, com saturação variando de 0,85 (Morte passagem lugar eterno) a 0,53 (Crença vida depois morte). Apresentou valor próprio de 6,34, explicando 19,80% da variância. A consistência interna desse fator foi aferida através do alfa de Cronbach, que resultou em um coeficiente de 0,90, com $m = 39,7$ e $dp = 10,6$. Dessa forma, intitula-se esse fator de Aceitação religiosa.

O segundo fator coligou 12 itens, com saturação variando de 0,80 (Evito completo pensar morte) a 0,42 (Morte gera ansiedade). Seu valor próprio foi de 5,26, com $m = 46,03$ e $dp = 15,19$, explicando 16,43% da variância. Seu alfa de Cronbach foi de

0,88. Assim, esse fator é denominado Evitação e Medo da Morte.

O terceiro fator agrupou 4 itens, com cargas fatoriais que variavam de 0,79 (Morte alívio sofrimento) a 0,60 (Morte escape mundo terrível). O valor próprio foi de 2,08, $m = 15,6$ e $dp = 5,95$, o que explicou 6,51% da variância. O alfa de Cronbach foi de 0,83, sendo aceitável chamar tal fator de Aceitação de escape.

Por fim, o quarto fator reuniu 4 itens, apresentando cargas fatoriais que variavam de 0,62 (Morte é natural na vida) a 0,43 (Morte nem boa nem má), com $m = 21,6$ e $dp = 3,61$. O valor próprio foi de 1,96, e explicou 6,11% da variância. O alfa de Cronbach foi de 0,57, podendo ser nomeado de Aceitação Neutra.

Questionário Sentido de Vida – QSV

A escala de Sentido de Vida também não é muito conhecida nas pesquisas brasileiras. Dessa forma, realizou-se a análise dos componentes principais no conjunto dos 10 itens que a compõem. Primeiramente foi verificada a adequação de se realizar uma análise fatorial, o que foi confirmado através dos índices de KMO = 0,878 e do Teste de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2 (45) = 1251,851$, $p < 0,0001$. Em seguida, procedeu-se a uma análise fatorial dos eixos principais com rotação varimax. Assim, dois componentes atenderam ao critério Kaiser (1960), apresentando valores próprios superiores a 1, o que sugere a presença de dois componentes que, juntos, explicam 66,48% da variância total.

Objetivando identificar a quantidade de fatores a extrair, seguiu-se o critério de Cattell (1966), considerando todas os fatores com valor próprio superior a 1, emergindo dois fatores. Na Figura 2 o *scree plot* sugeriu que deveriam ser extraídos no máximo dois componentes (critério de Cattell, 1966).

A fim de verificar se os itens de cada fator se encontram agregados de forma lógica, foi realizada a análise dos componentes principais, com o intuito de definir a estrutura fatorial do instrumento em questão, essa análise encontra-se na tabela 2.

O primeiro fator apresentou 5 itens, com saturação variando de 0,86 (Minha vida tem um sentido claro) a -0,70 (Minha vida não tem um propósito claro). Possui valor próprio de 4,89, explicando 48,95% da variância. A consistência interna desse componente foi medida através do alfa de Cronbach,

Tabela 1 – Estrutura Fatorial do Instrumento Escala de Atitude Perante a Morte

Itens	Fator I	Fator II	Fator III	Fator IV
25. Morte passagem lugar eterno	0,85*	0,05	0,17	0,10
16. Morte promessa vida nova	0,84*	0,01	0,09	-0,01
15. Morte é união com Deus	0,80*	0,16	0,12	0,15
08. Morte passagem satisfação	0,70*	0,04	0,15	0,08
04. Crença no céu	0,70*	0,04	-0,02	-0,19
13. Céu melhor que mundo	0,69*	0,02	0,26	-0,08
27. Morte libertação alma	0,65*	0,08	0,22	0,15
28. Crença vida depois morte	0,53*	-0,08	0,04	0,13
31. Expectativa vida depois morte	0,37	-0,13	0,20	0,07
22. Expectativa reunião após morte	0,28	0,00	0,11	0,03
19. Evito completo pensar morte	-0,03	0,80*	0,05	0,06
18. Intenso medo morte	-0,00	0,79*	-0,04	-0,08
12. Tento não pensar na morte	0,05	0,74*	0,05	0,14
10. Afasto pensamento morte	0,04	0,73*	0,07	0,01
21. Morte final de tudo assusta	-0,04	0,64*	-0,05	-0,04
26. Não envolvimento com tema morte	-0,00	0,62*	0,06	0,06
03. Evito pensamento morte	0,11	0,59*	-0,04	-0,00
07. Perturba irreversibilidade morte	-0,06	0,54*	0,01	-0,18
32. Incerteza depois preocupa	0,02	0,54*	-0,11	0,06
20. Vida depois morte perturba	0,00	0,51*	0,04	0,07
01. Morte é experiência terrível	-0,06	0,44*	0,07	-0,17
02. Morte gera ansiedade	0,09	0,42*	0,01	-0,02
23. Morte alívio sofrimento	0,30	-0,01	0,79*	0,15
29. Morte alívio fardos da vida	0,27	0,01	0,71*	0,24
11. Morte libertação sofrimento	0,16	0,11	0,68*	0,03
09. Morte escape mundo terrível	0,28	0,04	0,60*	0,08
05. Morte é fim problemas	0,08	-0,04	0,34	-0,16
14. Morte é natural na vida	0,28	0,01	-0,01	0,62*
24. Morte é parte da vida	0,20	-0,08	-0,02	0,55*
06. Morte é natural e inegável	0,09	-0,10	0,09	0,48*
30. Morte nem boa nem má	-0,15	0,02	-0,02	0,43*
17. Não temerei nem recebo abertamente	-0,01	0,08	0,08	0,17
Número de itens	8	12	4	4
Valores próprios	6,34	5,26	2,08	1,96
% de variância explicada	19,80	16,43	6,51	6,11
Alfa de Cronbach	0,90	0,88	0,83	0,57

Notas: * [0,40] (carga fatorial mínima considerada para interpretação dos componentes). Identificação dos fatores: I= Aceitação Religiosa; II = Evitação e Medo da Morte; III = Aceitação de escape; IV = Aceitação Neutra.

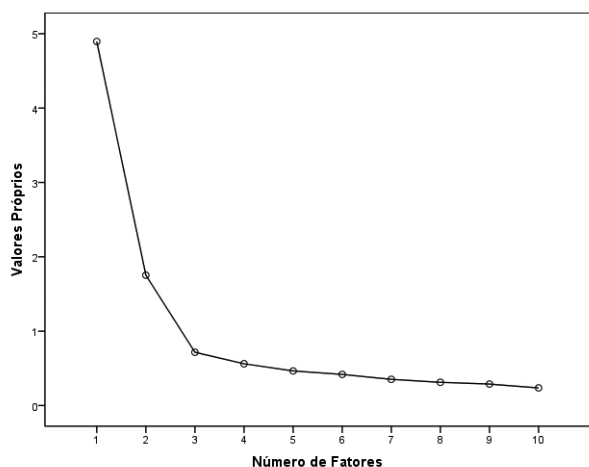


Figura 2 – Scree plot da análise fatorial dos itens da escala Questionário Sentido de Vida

que apresentou um coeficiente de 0,86, com $m=26,7$ e $dp=6,2$. Dessa forma, esse fator é denominado Realização de sentido.

O segundo fator, por sua vez, agrupou 5 itens, onde a carga fatorial variou entre 0,83 (Eu estou buscando um significado ou missão para minha vida) a 0,68 (Eu estou procurando um sentido em minha vida). Seu valor próprio foi de 1,75, com $m=20,37$ e $dp=8,2$, explicando 17,53% da variância. Seu alfa de Cronbach foi de 0,86. Portanto, tal componente pode ser definido como Busca de sentido.

Observa-se também uma correlação negativa entre os dois fatores ($r = 0,50$, $p < 0,0001$), o que justifica uma estrutura varimax. No que se refere ao

índice de congruências (“Tenho que admitir que há uma grande distância entre quem ‘eu sou’ e quem ‘eu poderia ser’”), observa-se uma correlação direta com a busca de sentido ($r = 0,23$, $p < 0,0001$) e uma associação inversa com o fator realização de sentido ($r = 0,25$, $p < 0,0001$), sugerindo a sua validade convergente do QSV.

Discussão

O objetivo desse primeiro estudo foi verificar a adequabilidade dos parâmetros psicométricos dos instrumentos para uma amostra brasileira. No que se refere à EAPM, uma análise fatorial sugeriu que os itens agruparam quatro fatores, sendo que quatro itens foram eliminados por não atingirem carga fatorial mínima esperada de $|0,40|$. No que se refere à precisão das subescalas, em sua maioria apresentaram índices satisfatórios segundo a recomendação da literatura (Pasquale, 2003). Apenas o quarto fator, Aceitação neutra, obteve um índice inferior a 0,70, o que é perfeitamente plausível tendo em conta que o número de itens influencia diretamente no alfa de Cronbach. Nesse caso o fator foi composto por quatro itens. Salienta-se ainda que tanto o estudo Wong et al (1994) quanto o de Andrade (2007) encontram uma precisão mais baixa $<|0,70|$ para esse fator em comparação aos demais.

Comparada a versão original do instrumento, observa-se uma redução no número de fatores, já que o original propõe cinco fatores enquanto, na

Tabela 2 – Estrutura fatorial do instrumento questionário de sentido de vida

Itens	Componente I	Componente II
04. Minha vida tem um sentido claro	0,85*	-0,20
05. Eu tenho uma boa consciência do que faz minha vida seja significante	0,76*	-0,14
01. Eu compreendo o sentido da minha vida	0,73*	-0,12
06. Eu descobri um sentido de vida satisfatório	0,65*	-0,15
09. Minha vida não tem um propósito claro	-0,64*	0,30
08. Eu estou buscando um significado ou missão para minha vida	-0,23	0,80*
02. Eu estou procurando alguma coisa que faça com que minha vida tenha sentido	0,01	0,72*
03. Eu sempre estou em busca do sentido da minha vida	-0,32	0,71*
07. Eu estou sempre procurando por algo que faça com que minha vida seja significante	-0,14	0,66*
10. Eu estou procurando um sentido em minha vida	-0,48	0,66*
Número de itens	5	5
Valores próprios	4,89	1,75
% de variância explicada	48,95	17,53
Alfa de Cronbach	0,86	0,86

Notas: * $|0,60|$ (carga fatorial mínima considerada para interpretação dos fatores). Identificação dos componentes: I = Realização de sentido; II = Busca de sentido.

adaptação para uma amostra brasileira, foram extraídos 4 fatores. Assim, dois fatores, Evitação e Medo da Morte, se agruparam em um único fator, o que pode ser considerado perfeitamente aceitável, posto que aqueles que evitam pensar na morte provavelmente também a temem. De forma geral, considera-se a escala pertinente para aferir as atitudes perante a morte, se constituindo em uma versão mais parcimoniosa.

Sobre a escala Questionário Sentido de Vida (QSV), concebe-se que a mesma apresentou fatorialidade adequada, assemelhando-se à estrutura em sua versão original, proposta por Steger, Frazier, Oishi e Kaler (2006). No que se refere à consistência interna desse instrumento, foi considerada exequível $>0,70$, acima dos parâmetros indicados pela literatura (Nunnally, 1991; Pasquale, 2003).

Os resultados desse primeiro estudo sugerem evidências de validade fatorial e precisão da escala de atitudes perante a morte quanto do Questionário sentido de vida. Assim, recomenda-se ser aplicada em estudos psicossociais, mas levando-se em consideração que o estudo realizado foi eminentemente exploratório, sugerindo que futuras análises confirmatórias possam ser extraídas junto a uma amostra mais ampla e heterogênea.

Estudo 2. Correlatos existências da aceitabilidade da morte

Wong et al (1994) sugeriram que o sentido da vida seria muito relevante para compreender o padrão das atitudes perante a morte. Dessa forma o segundo estudo concentrou-se em verificar as relações entre a busca e a realização de sentido com as subescalas da EAPM. Para tanto, foram utilizadas formas adaptadas dos instrumentos do Estudo 1.

A Tabela 3 demonstra as correlações existentes entre os fatores da Escala de Atitude perante a Morte com os fatores do Questionário de Sentido de Vida.

Como o leitor pode observar, enquanto a busca de sentido se associa positivamente com a evitação

e medo da morte ($r = 0,26; p < 0,001$), a realização de sentido se relaciona de forma direta com a aceitação religiosa ($r = 0,30; p < 0,0001$). Já o índice de congruência, por um lado, se correlaciona positivamente com a evitação e medo da morte ($r = 0,22; p < 0,001$) e, por outro, se associa de forma inversa com a aceitação religiosa ($r = -0,15; p < 0,05$), sugerindo que, quanto menor a percepção da distância entre quem “eu sou” e quem “eu poderia ser”, maior a aceitabilidade da morte na perspectiva religiosa; e quanto maior a percepção da incongruência, maiores pontuações na subescala evitação e medo da morte.

A autoatribuição religiosa se associou de forma positiva tanto com a aceitação religiosa ($r = 0,45; p < 0,0001$) quanto com a aceitação de escape ($r = 0,16, p < 0,05$). Sobre a diferença entre homens e mulheres acerca da aceitabilidade da morte, apenas as médias da evitação e medo da morte apresentam diferenças significativas entre os escores médios em função do sexo [$t(241) = 2,68; p < 0,01$]. Esse resultado sugere que o escore médio dos homens ($m = 43,6, dp = 14,5$) foi menor quando comparados com o das mulheres ($m = 49,1, dp = 15,5$).

No que se refere ao Questionário Sentido de Vida, foi constatada uma associação positiva entre a Realização de Sentido e a autoatribuição religiosa ($r = 0,21, p < 0,01$), e uma associação negativa entre Busca de Sentido e autoatribuição religiosa ($r = -0,47, p < 0,0001$). No que diz respeito às diferenças entre as médias dos fatores Busca e Realização de Sentido em função do sexo, não foi observada nenhuma diferença significativa ($p > 0,05$).

Discussão dos resultados

O objetivo do segundo estudo foi verificar em que medida a sensação de sentido na vida se associa com a aceitabilidade da morte. Considera-se que tal objetivo tenha sido plenamente alcançado na medida em que se identificaram os seus correlatos existenciais, bem como os demográficos. Não obstante,

Tabela 3. Matriz correlacional das variáveis existenciais e das atitudes perante a morte

	Evitação e Medo da morte	Aceitação de Escape	Aceitação Religiosa	Aceitação Neutra
Busca de sentido	0,26**	0,15	-0,06	0,01
Realização de sentido	-0,02	0,08	0,30***	-0,07
Índice de Congruência	0,22***	0,08	-0,15*	-0,01

* $p < 0,05$; ** $p < 0,001$, *** $p < 0,0001$

faz-se oportuno assinalar algumas limitações: (1) a impossibilidade de generalizar esses resultados, tendo em vista a característica da amostragem, que foi por conveniência; (2) outra tendência amostral foi o fato de os instrumentos de pesquisa terem sido aplicados, em sua maioria, em pessoas católicas. Dessa forma, pode ser que isso tenha representado um viés, tendo em vista que a cosmovisão religiosa pode influenciar nas atitudes perante a morte. (3) por fim, considera-se que outro limite foi a média de idade da composição da amostra, agrupando majoritariamente jovens universitários. É provável que a idade exerça uma forte influência sobre as concepções da morte, o que torna o estudo circunscrito em apenas uma etapa da vida.

Apesar das limitações pontuadas, foi possível sugerir alguns correlatos existenciais da aceitabilidade da morte que apresentam indícios para uma análise mais acurada. Inicialmente foi evidenciado que a busca de sentido se associou com a evitação e o medo da morte. Indivíduos que apresentam maiores pontuações na subescala de busca de sentido, o que pressupõe que a vida não alcançou um sentido satisfatório, evitam e temam mais a morte, pois a mesma, provavelmente, apresenta-se como uma ameaça para encontrar futuras possibilidades de sentidos ou propósitos na vida.

Esses resultados também corroboraram os de Ardel (2003; 2008), que encontrou associações negativas entre propósito na vida e medo da morte. Já Wong et al (1994) constataram empiricamente que maiores dificuldades em encontrar um sentido para a vida se associam com as atitudes negativas face à morte. Frankl (1989) concebia que a morte daria sentido à vida, posto que a limitação temporal força o ser humano a aproveitar os momentos de sua existência e que a morte seria uma ameaça para a constituição de um projeto de vida. Dessa forma, é compreensível que as pessoas que não estão em busca de sentido temam mais a morte.

Outra associação encontrada na presente pesquisa foi a relação entre a realização de sentido e a aceitação religiosa. A religiosidade pode ser uma via para compreensão de um sentido para a vida, como sugeriu o estudo de Aquino et al (2009) e Ardel (2003). Inequivocamente, as religiões apresentam uma visão do pós-morte e do destino do ser humano, respondendo questões sobre de onde veio o ser humano e para onde ele vai. Dessa forma, pessoas que apresentam índices mais elevados de realização

de sentido também valorizam a religiosidade, o que pressupõe que também apresentam alguma crença em uma vida pós-morte (cf. Ardel, 2008).

Com relação ao índice de congruência/incongruência do eu e as atitudes perante a morte, os resultados sugerem que as pessoas que percebem uma maior distância entre o eu e o poder ser seriam aquelas que também apresentam maiores índices de medo e evitação da morte. De fato, a análise existencial demonstra que a morte seria o limite das possibilidades do ser (Frankl, 1978/1989). Com isso, se por um lado um maior grau de incongruência do eu apresentou uma atitude mais negativa perante a morte, por outro a aceitabilidade da morte estaria vinculada a uma maior congruência, isto é, quando as pessoas percebem que estão realizando as possibilidades disponíveis em suas existências. Ademais, afirma Frankl que “a morte, como final do tempo que se vive, assusta apenas aqueles que não ocupam o tempo da sua vida” (Frankl, 1978/1989, p.170). Esses resultados corroboram outros estudos que analisaram as relações entre integridade do ego e atitudes perante a morte (Parker, 2013).

A autoatribuição religiosa se associou com a aceitação religiosa e com a aceitação de escape, corroborando o estudo de Ardel (2008) que encontrou correlações entre religiosidade intrínseca e aceitação de escape. A autora argumenta que os idosos que estão enfrentando situações de sofrimento podem compreender uma vida futura mais feliz, quando ancorados em suas crenças religiosas. Schmitt (1999), por sua vez, concebe que o enfrentamento da morte diferencia-se em função da cultura, da época e das crenças religiosas. Dessa forma, os indivíduos que atribuem aos mortos uma vida no além, descrevendo os lugares de suas moradas, também representam o que esperam para si próprios. Corroborando com esse pensador, o estudo de Diniz e Aquino (2009) demonstrou que maiores escores nas atitudes religiosas se associam diretamente com as concepções de morte como um fenômeno positivo (eg. vida do além, coragem e fim natural) e inversamente com a visão de morte como fracasso.

Por fim, os resultados apontam para uma diferença significativa da aceitabilidade da morte em função do sexo, sugerindo que as mulheres apresentam maiores índices de evitação e medo da morte. O estudo de Loureiro (2010) também encontrou diferenças significativas entre as dimensões evitação e medo da morte em uma amostra de portugueses

e portuguesas em função do sexo, sugerindo que as mulheres apresentavam escores médios mais elevados, quando comparadas aos homens. Já o estudo de Andrade (2007) apontou diferenças significativas apenas na dimensão medo da morte, o que também sugeriu maiores escores para o sexo feminino. É possível que essa diferença deva-se a questões mais culturais do que existenciais, considerando que há uma desejabilidade social para que os homens se apresentem mais corajosos do que de fato o são, o que pode ter influenciado no momento de responder o instrumento.

Implicações clínicas

Os resultados apresentados demonstram o quanto as variáveis existenciais estão associadas com a aceitabilidade da morte. Cabe, nesse momento, apontar algumas implicações no âmbito da psicologia clínica, o que será exposto a seguir.

1. Ajudar na elaboração de programas preventivos acerca da educação para a morte.

A partir desses resultados, sugere-se que os programas preventivos sobre educação para a morte possam incluir a questão do sentido da vida como um fator que pode favorecer a aceitabilidade da morte, bem como enfatizando um projeto existencial que inclua a tensão entre o ser e o dever-ser. Nesse âmbito, a logoterapia surge como uma teoria adequada para implementar programas de educação para a morte. Podendo trabalhar com jovens, adultos ou idosos, confrontando-os com a finitude a fim de levá-los a uma resignificação da vida.

2. Tratamento de ansiedade existencial em situações de morte em pacientes na condição de cuidados paliativos.

Tendo em vista que a perspectiva dos cuidados paliativos, como uma área relativamente nova de atuação da psicologia na atenção ao paciente fora de possibilidades de cura (Bifulco, 2006), necessita de maiores aprofundamentos acerca da finitude humana e do enfrentamento do homem a essa sua condição. O presente estudo mostra-se como orientador para possíveis condutas terapêuticas no acompanhamento de pacientes que se encontram sob cuidados paliativos.

As evidências encontradas neste estudo demonstram que a percepção do sentido de vida dos sujeitos lhes confere uma maior aceitabilidade da morte, e em contrapartida, a não percepção desse sentido acarreta maior ansiedade existencial perante a morte. Desse modo, tais evidências sugerem que, no contexto de cuidados paliativos, o psicoterapeuta poderia auxiliar o paciente na percepção do sentido de sua vida, ou ainda no encontro de um sentido para morte, o que, conseqüentemente, possibilitaria uma maior aceitação.

Considerações Finais

Apesar de a morte quase sempre ser percebida como um fenômeno assustador e inevitável, Frankl (1978/1989) propõe que ela possa ter um efeito pedagógico para o ser humano, desencadeando a busca de sentido na temporalidade finita. Em consonância com esse teórico, o presente estudo pôde identificar algumas variáveis que estariam associadas à aceitabilidade da morte, tais como busca de sentido, realização de sentido, congruência do eu e autoatribuição religiosa, contribuindo para uma melhor compreensão das atitudes perante a morte.

Ademais, algumas possíveis limitações desse estudo foram pontuadas. Por essa razão sugere-se que futuros estudos se detenham em amostras mais abrangentes, incluindo adolescentes, adultos jovens e idosos, bem como uma maior diversidade religiosa, incluindo também uma amostra de ateus. Recomenda-se que outras pesquisas possam verificar a aceitabilidade da morte em função de matrizes religiosas mais amplas (cristã, oriental e afro-brasileira), assim como possam encontrar relações entre atitudes perante a morte e valores humanos com o intuito de compreender melhor a aceitabilidade da morte.

Referências

- Abbagnano, N. (1993). *Introducción al existencialismo*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Andrade, T. A. M. (2007). *Atitudes perante a morte e sentido de vida em profissionais de saúde*. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

- Aquino, T. A. (2009). *Atitudes e intenções de cometer suicídio: Seus correlatos existenciais e normativos*. Tese de Doutorado em Psicologia Social. Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Psicologia.
- Aquino, T. A. A.; Alves, A. C. D.; Aguiar, A. A.; & Refosco, R. F. O. (2010). Sentido da Vida e Conceito de Morte em Estudantes Universitários: Um Estudo Correlacional. *Interação em Psicologia, 1*(2), 233-243.
- Aquino, T. A. A., Serafim, T. D. B., Silva, H. D. M., Barbosa, E. L., Cirne, E. A., Ferreira, F. R. & Dantas, P. R. S. (2010). Visões de morte, ansiedade e sentido da vida: um estudo correlacional. *Psicologia Argumento, 28*(63), 289-302.
- Ariés, P. (1977). *A história da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias* (P. V. Siqueira, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Ardelt, M. (2003). Effects of religion and purpose in life on elders' subjective well-being and attitudes toward death. *Journal of Religious Gerontology, 14*, 55-77
- Ardelt, M. (2008). Wisdom, religiosity, purpose in life, and attitudes toward death. *International Journal of Existential Psychology & Psychotherapy, 2*, 1-10.
- Bifulco, V. A. (2006) Psicologia da Morte. In: Figueiredo, M. T. A. (Ed.). *Coletânea de textos sobre Cuidados Paliativos e Tanatologia*. (pp 24-31). São Paulo: Unifesp.
- Cattell, R. B. (1966). The scree test for the number of factors. *Multivariate Behavioral Research, 1*, 245-276.
- Diniz, A. C.; & Aquino, T. A. A. (2009). A relação da religiosidade com as visões de morte. *Religare, 6*, 101-113.
- Donovan, J. M. (1993). Validation of a portuguese form of Templer's death anxiety scale. *Psychological reports, 73*, 195-200.
- Frankl, V. E. (1989) *Psicoterapia e sentido da vida* (A. M. Castro, Trad.). São Paulo: Quadrante. (Obra originalmente publicada em 1978).
- Frankl, V. E. (1990) *Logoterapia y análisis existencial: Textos de cinco décadas*. (J. A. de Prado Diez; R. Wenzel & I. Arias, Trad.). Barcelona: Editorial Herder. (Obra originalmente publicada em 1959).
- Frankl, V. E. (2011) *A vontade de sentido*. (I. S. Pereira, Trad.) São Paulo: Paulus. (Obra originalmente publicada em 1969).
- Grun, A. (2010). *O que vem após a morte? A arte de viver e de morrer* (B. Wandt, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Heidegger, M. (1990) *Ser e Tempo (parte II)*. (Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti). Petrópolis: Vozes. (Obra originalmente publicada em 1927).
- Kaiser, H. F. (1960). The Application of Electronic-Computers to Factor-Analysis. *Educational and Psychological Measurement, 20*, 141-151.
- Kovács, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Loureiro, L. M. J. (2010). Tradução e adaptação da versão revista da Escala de Avaliação do Perfil de Atitudes acerca da Morte (EAPAM). *Revista de enfermagem Referência, 1*, 101-108.
- Montaigne, M. E. (2000). *Os Ensaios: Livro I*. tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1580)
- Nunnally, J. C. (1991). *Teoría psicométrica*. México, DF: Trillas.
- Parker, D. W. (2013). The Relationship Between Ego Integrity and Death Attitudes in Older Adults, *American Journal of Applied Psychology, 2*, 7-15.
- Pasquale, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Schmitt, J.-C. (1999). *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Schopenhauer, A. (2000). *Metafísica do amor, metafísica da morte* (J. Barbosa, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1919).
- Spilka, B., Stout, L., Minton, B., & Sizemore, D. (1977). Death and personal faith: A psychometric investigation. *Journal for the Scientific Study of Religion, 16*, 169-178.
- Steger, F. M.; Frazier, P.; Oishi, S. & Kaler, M. (2006). The meaning in Life Questionnaire: Assessing the presence of and search for meaning in life. *Journal of Counseling Psychology, 53*, 80-93.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2001). *Using multivariate statistics*. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.
- Wong, P.T.P., Reker, G.T., & Gesser, G. (1994). Death Attitude Profile-Revised: A multidimensional measure of attitudes toward death. In R.A. Neimeyer (Ed.), *Death anxiety handbook: Research, instrumentation, and application*. (pp. 121-148). Washington, DC: Taylor & Francis.

Wong, P. T. P. (2008). Meaning management theory and death acceptance. In A. Tomer, E. Grafton, & P. T. P. Wong (Eds.), *Existential and spiritual issues in death attitudes* (pp. 65-87). New York, NY: Erlbaum.

Xausa, I. A. de M. (2003). *O sentido dos sonhos na psicoterapia em Viktor Frankl*. São Paulo: Casa do Psicólogo.